

A verdade, porém, é outra!

A cartografia era uma das temáticas classificadas de “Segredo da Coroa” e por isso não se divulgavam as nossas descobertas.

O grande arquivo dos nossos conhecimentos cartográficos estava na Casa da Índia, no Terreiro do Paço, em Lisboa. Foi engolido pelo terramoto de 1755.

Sobreviveram pouquíssimos exemplares.

Onde, felizmente, podemos encontrar dados sobre os nossos Descobrimentos, é nas cópias piratas que espíões estrangeiros fizeram.

Mesmo em cópias de cópias e, por vezes, muito mal traduzidas, podemos ver que o levantamento original saiu da mão de um português.

Noutro portulano luso que descobri, este de João Teixeira Alvernaz e que mostra toda a navegação do Índico, desde o Cabo da Boa Esperança até ao Ceilão, encontrei mais de 500 nomes de portos, em língua portuguesa. Copiando-os para uma lista, e sabendo que foram os portugueses os primeiros europeus a entrarem nestas águas, foi depois fácil reencontrar interpretações holandesas, inglesas ou francesas, dos nomes usados pelos cartógrafos lusos.

O mesmo também se verifica em relação aos nomes das costas do Atlântico.

Verifiquei uma forte presença de indicações de avisos aos navegantes, mais tarde erradamente interpretados pelos copistas, como se de nomes de terras se tratassem!

Assim, temos muitas indicações de “abrolhos”. Há mapas de copistas que os interpretam como nomes de rochedos. Trata-se, porém, de um forte aviso, deixado por um descobridor luso a futuros navegantes. A palavra “abrolho” é apenas uma abreviatura usual entre os pilotos lusos para o aviso: “Abre o olho!”, ou seja, “cuidado”, aí existem rochedos submersos, que, em altura de maré baixa, podem ser fatais!

A indicação “vigia” é um alerta do mesmo género e bastante frequente na cartografia lusa. Também temos a de “*malstrom*”, avisando sobre fortes remoinhos. Esta já é de origem nórdica,



proveniente do germânico “*Mahlstrohm*”, muito utilizado na Liga Hanseática, da qual Lisboa era membro.

Existindo na biblioteca do Museu-Luso-Alemão um manuscrito de um relato de uma nau portuguesa que, no caminho entre Brasil e Portugal, se afastou do curso, no meio de um forte temporal, falando de uma ilha desconhecida onde havia gente que falava um português muito arcaico, lembrei-me de uma menção no globo de Martin Behaim e resolvi pesquisar a questão. O cartógrafo de Nuremberga ao serviço da Coroa Portuguesa menciona que, em 734, saíram da cidade do Porto um arcebispo e seis bispos, com milhares de cristãos, que se fizeram ao Ocidente e fundaram as Sete Cidades. Também menciona que uma caravela trouxera, em 1414, notícias de uma ilha com os descendentes desta gente. Assim, fui procurando na cartografia, antigas ilhas lendárias ou reais, entretanto afundadas no Atlântico. Temos muitas. A mais significativa é a Ilha Brasil, com a sua madeira vermelha, que mais tarde deu o nome ao Brasil. Também temos a Ilha Verde, a Ilha Mayo e a Ilha de São Brandão. Dar nomes de Santos a ilhas era um costume frequente entre os descobridores. Geralmente utilizava-se o nome do Santo do dia do achamento, como, por exemplo, na ilha de Santa Helena. Também o nome da ilha Anobom, indica que foi um descobridor luso que a encontrou e num primeiro dia de um novo ano.

Uma ilha ao sul dos Açores despertou a minha curiosidade. Nunca tinha ouvido nada acerca dela e pensei que talvez se tratasse da ilha perdida, com gente que falava português arcaico, narrada no manuscrito.

Encontrei-a num mapa de Dudley, um cartógrafo britânico, que, envolvido em problemas de perseguição religiosa foi para Veneza e aí publicou o seu famoso Atlas Dudley. Trata-se de uma compilação de conhecimentos roubados de muitas fontes, sempre apresentados como se fossem descobrimentos próprios.

Ele, porém, teve dificuldades linguísticas e, em relação à ilha que me chamou a atenção, atrapalhou-se nas traduções. Certamente copiou os seus dados de um portulano português, que deve ter sido traduzido para o inglês ou castelhano e deste para o

